



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS COM ÊNFASE EM
ESCULTURA**

ANA CAROLINNE GOMES MACIEL

A temporalidade por fragmentos enraizados na experiência da arte

RIO DE JANEIRO

2022

ANA CAROLINNE GOMES MACIEL

A temporalidade por fragmentos enraizados na experiência da arte

Trabalho apresentado ao curso de Artes Visuais com ênfase em Escultura da Escola de Belas Artes, Centro Letras e Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para obtenção do título de Graduação em Artes Visuais.
Orientadora: Prof. Dra. Ana Cecília Mattos Mac Dowell

RIO DE JANEIRO

2022

CIP - Catalogação na Publicação

G138t Gomes Maciel, Ana Carolinne
 A temporalidade por fragmentos enraizados na
 experiência da arte / Ana Carolinne Gomes Maciel.
 - Rio de Janeiro, 2022.
 42 f.

 Orientador: Ana Cecília MacDowell.
 Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
 Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
 Belas Artes, Bacharel em Artes Visuais: Escultura,
 2022.

 1. Temporalidade. 2. Fragmentos . 3. escultura .
 I. MacDowell, Ana Cecília , orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS COM ÊNFASE EM
ESCULTURA

FOLHA DE APROVAÇÃO

ANA CAROLINNE GOMES MACIEL

A temporalidade por fragmentos enraizados na experiência da arte

Trabalho apresentado ao curso de Artes Visuais com ênfase em Escultura da Escola de Belas Artes, Centro Letras e Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para obtenção do título de Graduação em Artes Visuais.
Orientadora: Prof. Dra. Ana Cecília Mattos Mac Dowell

Aprovado em: 02 de agosto de 2022.

Banca Examinadora

Prof. Dra Ana Cecília MacDowell (orientadora)
Universidade Federal do Rio de Janeiro- Escola de Belas Artes

Prof. Dra Gabriela Di Battista Mureb
Universidade Federal do Rio de Janeiro- Escola de Belas Artes

Prof. Dra Paula Scamparini Ferreira
Universidade Federal do Rio de Janeiro- Escola de Belas Artes

Agradecimentos

Aos meus pais, por todo o incentivo;

À minha filha Bia, minha maior motivação;

Ao meu companheiro Tassio pela paciência e apoio;

Aos professores por todo conhecimento passado;

À minha orientadora Ana Cecília (Cila);

À coordenadora Marina por todo o empenho em me ajudar;

Aos meus colegas de curso;

E a todos que não foram citados aqui, mas que de alguma forma contribuíram para que eu pudesse chegar até esta etapa final da minha graduação;

Muito obrigada!

Resumo

O presente trabalho sugere uma reflexão sobre a influência da temporalidade em projetos de arte realizados durante meu período acadêmico no curso de Artes Visuais com ênfase em Escultura da Escola de Belas Artes na Universidade do Rio de Janeiro. A abordagem desta pesquisa focaliza na temporalidade por fragmentos da experiência, apontando para a necessidade de mostrar a importância de compreender o trabalho de arte pelo movimento, ainda assim, como algo que pode encontrar um modo específico de enraizamento. O interesse pelo tema da fragmentação surge por reflexões da arte no limiar entre cultura e natureza, tendo como parte constitutiva dessa questão: a simbologia da raiz, do barro e da árvore, em concepções de diversas metodologias artísticas e suas imbricações, principalmente em proposições práticas de projeto, instalação, escultura, pintura, fotografia e vídeo. Tal investigação foi desenvolvida pesquisando autores como, Vilém Flusser, Gaston Bachelard, que discutem o tema da relação entre natureza e cultura. Atravessando a pesquisa também por referências de artistas que colocam suas ações sobre a importância do gesto de manipulação, onde a argila aparece como matéria que informa a experiência, as mãos presentes como foco da ação do artista, as árvores como um simbólico da presença relevante da natureza atuantes na relação entre o artista, o gesto aplicado na matéria e suas constantes alterações temporais.

Palavras-chave: arte, temporalidade, fragmentos, projeto, instalação, escultura, pintura, vídeo.

Abstract

The present work suggests a reflection on the influence of temporality in art projects carried out during my academic period in the Visual Arts college with an emphasis on Sculpture at the School of Arts at the Federal University of Rio de Janeiro. The approach of this research focuses on temporality through fragments of experience, pointing to the need to show the importance of understanding the work of art through movement, yet, as something that can find a specific way of rooting. The interest in the theme of fragmentation arises from reflections of art on the threshold between culture and nature, as part of the constitutive process of this issue in the symbology of the root, clay and tree, in conceptions of various artistic methodologies and their imbrications, mainly in propositions of design, installation, sculpture, painting, photography, and video. Such investigation was developed by researching authors such as Vilém Flusser, Gaston Bachelard, who discuss the theme of the relationship between nature and culture. Crossing the research also by references in artists who place their actions on the importance of the manipulation gesture, where clay appears as material that informs the experience, the hands present as the focus of the artist's action, the trees as a symbol of the relevant presence of the nature active in the relationship between the artist, the gesture applied to the matter and its constant temporal changes.

Keywords: art, temporality, fragments, project, installation, sculpture, painting, video.

Lista de Figuras

Figura 1 - "Minha família Morta", Adrian Rojas.....	15
Figura 2 - Escultura em processo, 2019.....	17
Figura 3 - Escultura, 2022.	18
Figura 4 - Lista de verbos, Richard Serra.....	21
Figura 5 - "Hands Catching Lead, Richard Serra.	22
Figura 6 - Estudo de mãos, 2021.	23
Figura 7 - Início do vídeo (ramo cheio de pétalas), 2021.	24
Figura 8 - Loops e movimentos repetidos (retirando as pétalas), 2021.....	25
Figura 9 - Final do vídeo (ramo sem pétalas), 2021.	25
Figura 10 - Desenho esquemático para a montagem de "Elevazione".....	27
Figura 11 - Mapa de Inhotim, localização "Elevazione".....	29
Figura 12 - "Elevazione", Giuseppe Penone, 2001.....	29
Figura 13 - "Grande Budha", Nelson Felix, anos 80.....	31
Figura 14 - Estudos lápis e saleiro, 2021.	33
Figura 15 - Estudos pasta de dentes e saleiro, 2021.	34
Figura 16 - Estudo pasta de dentes, 2021.....	34
Figura 17 - Projeto "Equilíbrio", vista frontal, 2021.	36
Figura 18 - Projeto "Equilíbrio", vista superior, 2021.	36
Figura 19 - Medida das estruturas das raízes externas	37
Figura 20 - Posição das estruturas das raízes externas.	37
Figura 21 - Projeto "Equilíbrio", 2021.	38
Figura 22 - Pintura "Raíces". Lona de algodão, acrílica, areia, estêncil e arame. 2.50x70cm, 2022.....	40
Figura 23 - "Fragmentos do tempo", 2022.....	40
Figura 24 - Vídeo "O que nos despedaça".	41
Figura 25 - Exposição "Sentidos do gesto", Galeria Mezanino - UFRJ, 2022.	41
Figura 26 - Equipe de alunos e professoras Paula e Dinah.	42

Sumário

Introdução	10
1 - A raiz	11
2 - O barro	14
2.1 - A decomposição - Adrián Villar Rojas	14
2.2 Escultura – Fragmentos do tempo	17
3 - As mãos	19
3.1 - O movimento repetitivo - Richard Serra	20
3.2 - O que nos despedaça	23
4 - A árvore	26
4.1 - Suspensão - Giuseppe Penone	26
4.2 - Intrusão - Nelson Felix	30
4.3 - Projeto Equilíbrio	32
Considerações finais	38
Referências Bibliográficas	43

Introdução

O presente trabalho pretende apresentar a poética que engendrou a prática artística de pesquisa sobre projetos realizados durante meu período acadêmico no curso de Artes Visuais com ênfase em Escultura da Escola de Belas Artes na Universidade do Rio de Janeiro. Esse trabalho de conclusão de curso traz um relato sobre o que me levou a tomar como foco de pesquisa a temporalidade por fragmentos da experiência na arte. Buscando apontar a importância de compreender o trabalho de arte pelo movimento, como algo que está sempre em construção.

Essa motivação ocorreu em 2022 a partir de uma reflexão que surgiu através de um dos trabalhos que apresento nos capítulos seguintes, o que me despertou o interesse pelo tema da fragmentação como parte do processo constitutivo das reflexões da arte no limiar entre natureza e cultura, levando a buscar essa questão em outras concepções de diversas metodologias artísticas e suas imbricações, principalmente em projeto, instalação, escultura, pintura, fotografia e vídeo.

Durante esse percurso, através do fazer artístico e da reflexão conceitual e teórica sobre esse fazer foi aparecendo um entendimento de que essa temporalidade em movimento parece encontrar um tipo de enraizamento, algo que nos coloca na profundidade dos acontecimentos e possibilita um certo sentido vivo de expressão artística que vale destacar.

Os pensamentos dos filósofos da imagem, Vilém Flusser e Gaston Bachelard, por discutirem o tema da relação entre natureza e cultura, são trazidos aqui a fim de buscar entendimento de questões que foram surgindo durante minha pesquisa prática, sobre os aspectos observados quanto à temporalidade por fragmentos da experiência nos processos artísticos desenvolvidos em diversas modalidades.

Atravessam também essa pesquisa, referências de artistas que colocam suas ações sobre a importância do gesto de manipulação. Onde o barro aparece como matéria que informa a experiência, as mãos presentes são tomadas como foco da ação do artista, a árvore como uma evidência simbólica da presença relevante da natureza atuante na relação entre o artista, o gesto aplicado na matéria e suas constantes alterações temporais.

O primeiro capítulo é iniciado através da associação dos textos de Vilém Flusser e Gaston Bachelard na abordagem da imagem da raiz como um símbolo das partes subterrâneas da árvore que costumam ser invisibilizadas. O segundo capítulo discorre sobre minha investigação e experiência em relação aos efeitos do tempo em uma escultura modelada no barro, em argila crua, trazendo como referencial artístico o escultor argentino Adrian Villar Rojas que incorpora essa temática em seu método de trabalho artístico. No terceiro capítulo escrevo sobre as mãos e seus movimentos, apresentando minhas pesquisas em fotografias e vídeos e reflexões sobre “*Hand Catching Lead*” do artista Richard Serra. E no último capítulo apresento minhas motivações para o projeto de instalação “Equilíbrio”, onde uso uma árvore como centro do trabalho a partir de estudos feitos de trabalhos dos artistas Giuseppe Penone e Nelson Felix. Ao final procuro apresentar uma reflexão advinda dos resultados obtidos a partir dessas pesquisas e os questionamentos que surgiram com a intenção de enaltecer as qualidades desse processo na tentativa de imbricar os gestos culturais e naturais através da arte.

1 - A raiz

Em 1978, Vilém Flusser publica no Brasil o livro “Natural:mente: vários acessos ao significado de natureza”, e a partir desse texto podemos permear algumas reflexões do autor com aproximação das investigações práticas das quais realizei durante minha pesquisa produzida.

Na página sessenta e sete, onde Flusser fala sobre os dedos, podemos atravessar alguns pensamentos do filósofo com a minha pesquisa sobre as mãos. Flusser afirma: “Ao observar os dedos, reflito-me neles, e os dedos se refletem em mim, ao serem observados. Quando concentro meu interesse sobre os dedos, encontro a mim próprio em tal centro. Eu sou meus dedos e os meus dedos são eu.” (FLUSSER, 1978, pg 67)

Quando ele cita a escolha dos dedos por determinadas teclas e a recusa de outras, meus pensamentos percorrem o trabalho de Richard Serra “*Hand Catching Lead*” e a minha pesquisa acadêmica “O que nos despedaça”. Tanto no trabalho de Serra como no meu, existe a escolha de um movimento, que se torna parte do todo

espelhando a ação no observado. Todos os critérios são impostos pelos dedos, dando sentido aos movimentos como afirma Flusser, existindo uma relação dialética e não simétrica entre os dedos e os objetos.

No capítulo intitulado Cedro, Flusser traz para a discussão, a invisibilidade parcial das árvores, por suas raízes que ficam escondidas no solo, o que torna as árvores quase invisíveis em razões físicas e biológicas por uma observação que segue um modelo estruturado, dual. Flusser afirma que não se trata só dessa “invisibilidade parcial”, mas de fantasmas, que se inserem entre essa entidade arbórea e seu contemplador. (FLUSSER, 1978, pg 46)

Os espectros simbólicos da raiz mais recorrentes seriam: o do “pulmão”, o do “abrigo”, o da “fertilidade”, mas Flusser traz outras simbologias ocultas, como o da “estrangeiridade”, a exemplo do deslocamento de árvores que se adaptam em qualquer ambiente, preservando suas características.

Transpassando o texto de Flusser com a minha pesquisa para a concepção do trabalho “Equilíbrio”, desejo colocar em evidência as raízes da árvore e um projeto que pretende tirar a condição de invisibilidade parcial desse corpo arbóreo, expondo a árvore de forma completa, no sentido de fazer com que a percepção da totalidade seja a meta relevante para a constituição desse trabalho de arte, ainda que essa experiência esteja ainda presa à parcialidade, sem poder apontar os mistérios da inteligência que faz com que os fluxos de seiva encontrem seus modos de operação da vida.

Gaston Bachelard em seu livro “A terra e os devaneios do repouso”, no capítulo IX intitulado “A raiz”, trata das metáforas obscuras da raiz, e afirma: “um psicólogo que fizesse uma longa pesquisa sobre as diversas imagens da raiz, exploraria toda a alma.” (BACHELARD, 1990, pg 223). Aqui pergunto: e se fosse um artista que fizesse uma longa pesquisa sobre as diversas imagens da raiz, exploraria toda a alma?

Na raiz podemos encontrar metáforas múltiplas e essa potência serve para a pesquisa aqui apresentada, na ramificação das metodologias que se interconectam, no fazer que passa de uma experiência a outra, da pintura ao vídeo, da escultura de volta à pintura, da fotografia ao gesto do artista na manipulação das matérias escolhidas. Esse manipular evidencia uma possível metáfora das mãos como raiz

do corpo, mais do que os pés, como um enraizamento visível na superfície. As mãos que entram em contato com o barro, a argila que é modelada em fluxos contínuos. O tocar como forma de conhecer para além da visão.

Gaston Bachelard cita na página 224, Leon Gabriel Gros: “A flor produziu raízes imensas, a vontade de amar apesar da morte” e isso me influencia para reflexões sobre o vídeo “O que nos despedaça” que irei citar nos capítulos seguintes. (BACHELARD, 1990, pg 224). No vídeo retiro pétalas de uma flor seca, quando leio essa parte citada no livro, imagino minha mão como uma raiz, que provoca a destruição dessa flor já morta.

Seguindo para a página 225, Gaston cita “A raiz é a árvore misteriosa, a árvore subterrânea, a árvore invertida.” (BACHELARD, 1990, pg 225), penso nos artistas Giuseppe Penone com “Elevazione”, uma árvore suspensa e completamente exposta e Nelson Felix e suas garras tenebrosas posicionadas ao redor de um tronco desta entidade arbórea, a árvore é escolhida por tantos artistas como tema, será por este motivo que o autor cita que as árvores já são normalmente uma obra de arte?

A cultura representaria uma força que pretende controlar, ou conformar uma escultura na condição estrutural da forma, como o objeto deve se apresentar na duração temporal, quanto mais longeva pode vir a ser. Uma busca pela condição, pela conformação e preservação do objeto simbólico de determinada cultura. Mas a natureza do barro, quando é acionado no processo de modelagem, tratado já sob condições quimicamente melhoradas, como argila, ainda exige a constante umidificação para se manter modelável, e se não atender a uma operação de queima, irá se desfazer. A natureza então se impõe. O artista ao modelar o barro pretende imprimir sua cultura na matéria informe, para que algo seja transmitido para além de sua temporalidade presente, uma comunicação, com algo ou alguém de outro tempo e espaço. O artista contemporâneo que lida com diversas linguagens e práticas artísticas entrelaçadas, não necessariamente estará preocupado com a preservação do gesto cultural, pode estar mais interessado em buscar a experiência do fazer como maneira de se restituir com a natureza que aparece distanciada pelas práticas históricas. Parece haver muitos modos de promover o enraizar que pode ainda aceitar as mudanças temporais com tais operações em fluxo contínuo.

2 - O barro

O presente tópico deste trabalho se propõe a apresentar a experiência resultante da minha pesquisa que investiga os efeitos do tempo em trabalhos realizados com argila crua. Algumas ideias sobre esse tema tiveram sua origem quando reencontrei no ateliê de escultura do prédio da Escola de Belas Artes em 2022, uma escultura produzida por mim para a disciplina de Figura Humana I, em 2019, iniciada um ano antes da pandemia do COVID. Ao perceber as transformações sofridas pelo abandono desta escultura, passei a refletir sobre a influência que a temporalidade pode ter nos trabalhos de arte. Como referência para essa reflexão, trago a seguir o artista argentino Adrián Villar Rojas, cujo tema de sua pesquisa envolve o processo de deterioração temporal do barro em trabalhos de esculturas em diversas escalas.

2.1 - A decomposição - Adrián Villar Rojas

Diante deste tema apresentado na introdução, pesquisei o artista argentino Adrián Villar Rojas, nascido em Rosário, Santa Fé. Villar Rojas recebeu vários prêmios, um deles foi o 9º Prêmio Benesse na 54ª Bienal de Veneza em 2011, além de bolsas e residências. Villar Rojas já apresentou seus trabalhos em exposições individuais em cidades como Nova York, Paris e Buenos Aires. Em suas obras ele explora a impermanência, pois suas esculturas feitas em argila crua, estão destinadas a quebrar e a despedaçar, expostas à ação dos ambientes e climas onde são expostos.

O barro é um dos primeiros materiais utilizados para se fazer arte, a presença de esculturas de barro aponta para os primeiros gestos culturais da história da humanidade. O barro em sua composição química garante a continuidade do processo de manipulação e modelagem quando condicionado a um nível de umidade necessário, permitindo assim uma constante revisão e aplicação da força. As propriedades físicas do material, são tratadas na prática do artista Villar Rojas, particularmente na condição da secagem, quando parece buscar uma estética de permanência pela desintegração da forma inicial, a permanência estaria então no gesto do artista, ou no processo documentado.

A argila, um material frágil e quebrável, faz seus trabalhos parecerem ruínas pela questão da temporalidade que se torna visível. Em sua arte está presente a destruição e ação do tempo, mostrando que a arte continua mesmo quando deteriorada, trabalhada em escalas gigantes ou minúsculas.

“... a argila foi um momento de hibernação que permitiu o desenvolvimento de uma comunidade, mas essa ideia de comunidade é, por sua vez, baseada em outra ideia subjacente: a de criar um organismo que pudesse funcionar sem mim, não por uma mera ausência “profissional”, mas pela possibilidade do meu desaparecimento físico.” (VILLAR ROJAS, Adrián)¹



Figura 1 - "Minha família Morta", Adrian Rojas.

¹ HORESTEIN, Mariano, 2017, Elegante gesto rumo ao desaparecimento. Comentário Adrian retirado de entrevista.

As esculturas concebidas a partir de uma combinação de barro e cimento e na maioria das vezes traçadas para serem usadas ao ar livre, sofrem o efeito da passagem do tempo e da decomposição dos elementos produzindo rachaduras, fraturas e superfícies irregulares em sua superfície. A primeira escultura de Villar Rojas em grande escala, “Minha Família Morta” (My Dead Family), representa uma baleia morta, construída por uma equipe de colaboradores com duração prevista para um mês, para a exposição chamada *Intemperie*, na II Bienal del Fin del Mundo, na floresta Yatana em Ushuaia.

Em “Minha família morta”, a enorme escultura de baleia encalhada, deslocada de seu habitat natural é colocada para ir se desintegrando no chão da floresta, como se buscasse transformar o lugar arborizado em um espaço de melancolia. O público que chega durante o processo de decadência acaba por se deparar com uma temporalidade complexa que cruza o passado da criação, o futuro e o presente. Em uma entrevista de 2011 com o curador Hans Ulrich Obrist, Adrián disse: “Eu gosto dessa situação mista, uma enorme peça maciça que é ao mesmo tempo extremamente frágil.” A decisão de Villar Rojas de situar uma enorme baleia para desintegração dentro desta floresta, indica que o artista desafia poeticamente as compreensões de espaços delimitados entre o que é marinho e o que é terrestre.

No caso do trabalho “Minha Família Morta”, a sobreposição de temporalidades e espacialidades foi gerada pela ativa deterioração da superfície da argila crua, que sincronizou a própria experiência temporal com a eventual impermanência da escultura em si, mas ativando a presença enquanto marca, ou enraizamento da proposição do artista. O próprio Villar Rojas comenta: “O que percebi com esta exposição é que a argila me permitiu construir fósseis: Eu poderia fossilizar o que quisesse e assim trabalhar com o tempo”. A seleção incomum de argila crua para a criação de formas monumentais é fundamental para a prática escultórica do artista, e a consistência com que é utilizada estabelece a unidade estética e conceitual. A localização da obra dentro de um ecossistema e sua incorporação de materiais orgânicos foram centrais para possibilitar o sentido de um ambiente perturbador. “É tudo sobre construir uma ruína, um momento abandonado”, disse Villar Rojas em entrevista à curadora Inés Katzenstein. “Algo cuja vida dura apenas um dia ou uma semana, mas que parece ter centenas de anos de idade.” (ULRICH OBRIST, 2010, pg 249) A exploração contínua do meio argiloso facilita o estudo das características

físicas desse material e dá a potência para alcançar suas temáticas poéticas, onde se estrutura conceitualmente. A maleabilidade da argila e sua fragmentação natural permitem a Villar Rojas fabricar uma estética convincentemente ruínosa.

2.2 Escultura – Fragmentos do tempo

É necessário trazer algumas experiências em arte desenvolvidas durante minha produção no curso de Arte Visuais, pois ao intercalar com a análise de outros artistas estudados, essa aproximação se mostra facilitadora na condução do pensamento, que por esse método de análise aos poucos vai sendo trazido para a superfície. É preciso estabelecer um vínculo entre os diferentes trabalhos dessa pesquisa, por essa razão apresento três trabalhos realizados durante minha jornada acadêmica, escolhidos por terem uma ligação com o tema da temporalidade, tema atravessado pela experiência da arte, no entanto buscamos explorar a condição de fragmentação que aparece imbricada por nossas atuais subjetividades e tentativas de enraizamento ou de reconciliação com o sentido de natureza.



Figura 2 - Escultura em processo, 2019.

Em 2019 iniciei uma escultura em argila crua e na época não consegui finalizar alguns detalhes, como as mãos e detalhes do rosto. Sempre foi um hábito levar meus trabalhos “finalizados” para casa, mas dessa vez não fiz isso, sem saber

que dois anos iriam me deixar distante desse processo, pois em 2020 enfrentamos a pandemia do COVID, fazendo com que as aulas fossem interrompidas durante um tempo e depois assistidas de modo remoto. Em 2022 com o retorno gradativo das aulas presenciais, encontrei a escultura iniciada por mim em 2019 no mesmo local, porém, com as transformações deixadas pelo tempo em que estive no ateliê da Escola de Belas Artes longe da minha supervisão.

A argila ressecada fez com que algumas partes “desprendessem” do corpo esculpido. Fissuras se abriram desfazendo a totalidade daquele corpo representado, surgiram fendas em suas costas, pernas e cabeça se separaram, caíram por causa do barro ressecado. Esse acontecimento me colocou a pensar sobre a renúncia do artista ao papel central no processo de criação. E também sobre a temporalidade como reflexão da arte, a partir das fragilidades de um processo de constituição do objeto em suas particularidades materiais, sua condição de transformação em constante fluxo, pois neste caso, a ação do tempo se encarregou deste processo de fragmentação. Observo com isto, que essa modelagem escultórica em estado de alteração, parece ganhar movimento e um sentido de temporalidade aparente, pois fica evidente que está sempre em transformação, e isso tem potencial para conceitualmente unir percepções sobrepostas de temporalidades de passado, presente e futuro.



Figura 3 - Escultura, 2022.

A investigação deste trabalho em argila então foi encarado por suas constantes transformações, sem que todas as alterações dependessem do gesto de modelar, mas sim pelas condições de existir em tal materialidade. Sob essas orientações de questionamento, realizei um vídeo e algumas fotos, com o principal ponto de interesse na escultura em estado de desconstrução progressivo, ou seja, sempre se refazendo como num processo de atualização da arte. Aprofundando este tema encontrei então como referência, ou pós-referência, o artista argentino Adrián Villar Rojas tratado no capítulo anterior, o olhar mais atento para as relações de semelhança entre o processo desse artista e minhas descobertas recentes com a argila e os paralelos e cruzamentos dos meus processos anteriores com a pintura, começavam a trazer um sentido pungente. A experiência de lidar com as várias etapas de feitura da escultura, as que não dependem de uma ação direta, e as que decorrem dessa fragmentação, apontando para um outro tipo de temporalidade que negocia com a presença do artista. Assim despontou a necessidade de documentar em fotografia e vídeo essa escultura como uma ruína de argila que também sofre as ações do tempo. A presença do artista mesmo quando não participa diretamente com a mão ou quando participa diretamente, passou a ser relevante aos questionamentos dessa temporalidade e para isso precisei investigar na prática a presença da mão do artista como tema, simbologia e conceito, e o vídeo seria uma modalidade aliada para explorar a dinâmica temporal.

3 - As mãos

Este capítulo pretende apresentar os princípios considerados acerca da influência do tempo, tomando como referência a obra *“Hand Catching Lead”* de Richard Serra, que tem relação direta com o meu trabalho realizado para disciplina de Escultura I *“O que nos despedaça”*. O trabalho de Serra serve como exercício para a reflexão de questões ligadas ao tempo como: movimentos, ciclos repetidos (loops), ciclos definidos com início, meio e fim, sendo o uso das mãos, o gesto de manipular como um modo de marcar a temporalidade pela presença do artista, essa observação em muitos momentos apareceu como o interesse central desta pesquisa.

3.1 - O movimento repetitivo - Richard Serra

Richard Serra nasceu em 1939, nos Estados Unidos, se formou em Inglês e pós-graduou em Arte na Universidade de Yale. Se tornou mais conhecido por suas esculturas abstratas de aço em grande escala, cuja presença imponente conduz os espectadores a se cercarem com as qualidades físicas das obras e suas particularidades. Apesar da importância desses trabalhos de Serra, neste capítulo iremos discutir o primeiro vídeo criado pelo artista em 1969, intitulado como “*Hand Catching Lead*”². Os filmes de Richard se colocam como filmes esculturais, sem lidar com materiais e procedimentos convencionais, são filmes que não obedecem a padrões específicos. O filme como meio permite a inclusão e a percepção da reprodução visual das dimensões de espaço/tempo, no processo de uma ação manipulada.

Nas concepções de Serra, a ação e seu desdobrar sobre o tempo está apresentado em sua lista de verbos. Apesar da lista sugerir temporalidade, ela não fala de um tempo criado com um início, meio e fim. Essas ações decorrem no tempo dos filmes, traduzindo o novo universo da escultura, que é realizada no filme em um tempo em curso. Krauss comenta: “é um tempo no qual alguma coisa se desenvolve, cresce, progride, conquista. É um tempo no qual a ação simplesmente atua (act), e atua (act) e atua (act)” (KRAUSS, 2012, pg 101).

² Assista “Hand Catching Lead”, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_NBSuQLVpK4&ab_channel=TIMESTEREO, acesso em: 20 de junho de 2022.

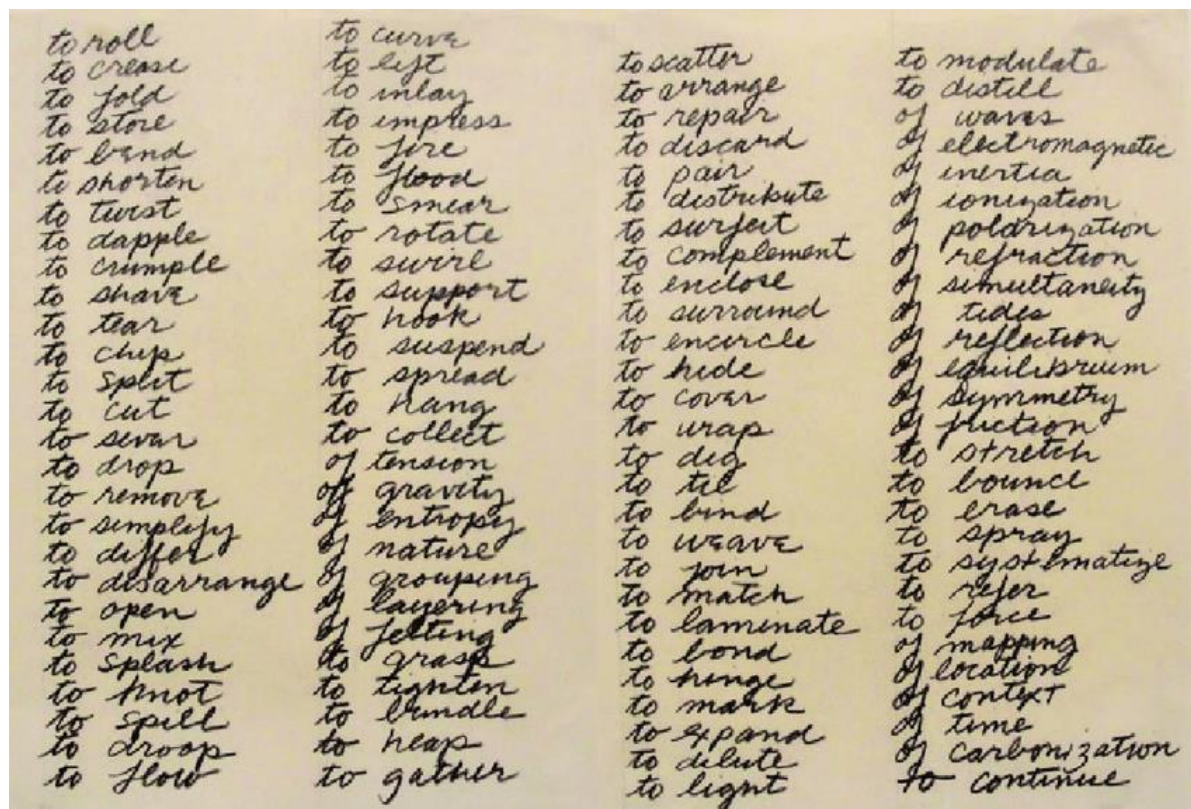


Figura 4 - Lista de verbos, Richard Serra.

Richard Serra, produziu na década de 60, o filme de 3 minutos de duração chamado “*Hand Catching Lead*”. No filme é retratado um movimento contínuo, onde a mão do artista abre e fecha enquanto tenta pegar pedaços de chumbo que são soltos de cima do campo de visão da tela e quando consegue segurar, ele logo os solta. No decorrer do vídeo a mão de Serra vai ficando escurecida pelas tiras de metal o que torna a relação entre o artista e o objeto ainda mais perceptível.

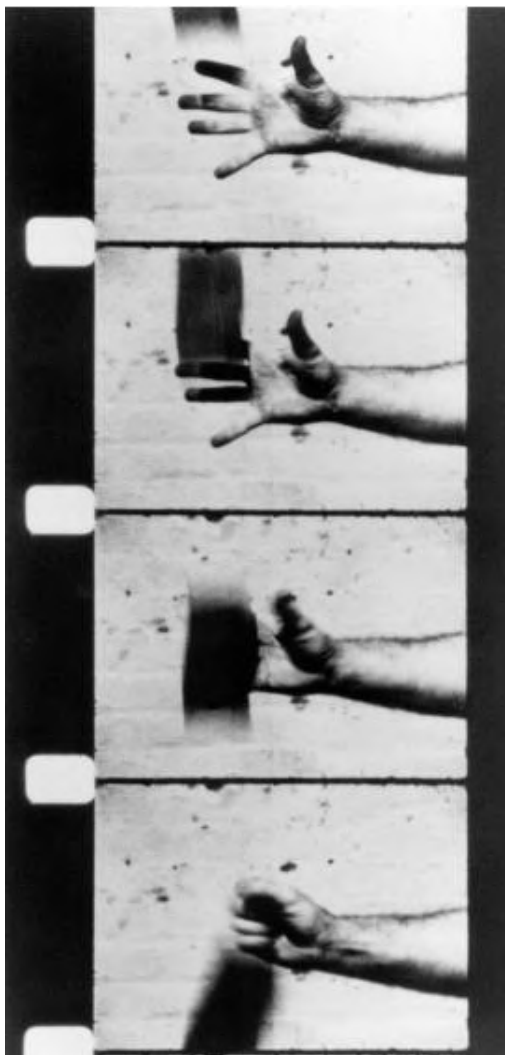


Figura 5 - "Hands Catching Lead, Richard Serra.

Em *"Hand Catching Lead"* a mão de Serra se torna expressiva, mesmo que de forma anônima e como descreveu Krauss, não visa obter qualquer tipo de êxito, mas apenas repetir-se e repetir-se: "Um dos aspectos notáveis deste filme é sua inabalável persistência – em fazer alguma coisa repetidamente sem chegar a qualquer tipo de clímax – simplesmente adicionando uma ação específica à próxima." (KRAUSS, Rosalind, 1998, pg 254). Nesta ação o espectador é absorvido nos movimentos do artista. Krauss comenta também: "Ao assistirmos o filme, compartilhamos o tempo real da concentração do escultor em sua tarefa e temos a sensação de que, durante esse tempo, o corpo do artista é essa tarefa". Essa temática de Serra abordando a simbologia das mãos também está presente em outros trabalhos como *"Hands Tied"* (1968), *Hands Scraping* (1968) e *"Hands Lead Fulcrum"* (1968), trabalhos nos quais ele aparece experimentando o filme como um

processo objetivo, envolvendo o movimento da mão do próprio artista na condição da passagem do tempo próprio da imagem em movimento.

A partir da reflexão sobre o trabalho de Serra, faço a seguir uma aproximação com minha pesquisa e apresento no próximo capítulo um trabalho executado buscando relacionar o gesto de manipulação como método de reconhecer o mundo.

3.2 - O que nos despedaça

Em 2021 para a disciplina de Escultura I, ministrado pela professora Gabriela Mureb, iniciei a pesquisa explorando as mãos como personagem principal dos trabalhos. Nesta experimentação foram produzidas fotos de mãos de alguns voluntários, misturadas em matérias como o arame farpado. Esses estudos se iniciaram após a leitura do capítulo sobre o ciúme do livro “A ciência da Natureza Humana” do psicólogo austríaco Alfred Adler. O interesse em investigar as mãos nos meus trabalhos surgiu da motivação em querer explorar toda a expressividade corporal que nelas temos, buscando entender o olhar para as mãos como um órgão que não está isolado do corpo, mesmo estando enquadradas na fotografia.



Figura 6 - Estudo de mãos, 2021.

Revisitando os estudos das mãos fotografadas, tive a vontade de desdobrar essa experiência para a pesquisa em vídeo, explorando os movimentos e a temporalidade, produzi o vídeo de treze minutos chamado “O que nos despedaça”³, onde seguro com uma das mãos um ramo de flores secas que tem suas pétalas retiradas alternadamente remetendo a brincadeira “bem me quer, mal me quer”. Neste trabalho, o movimento repetido, enquanto tiro as pétalas secas, fazendo um loop, mas que será finito, até que as pétalas acabam, onde exploro o efeito de desconstrução do ramo como possibilidade de interferência no tempo.

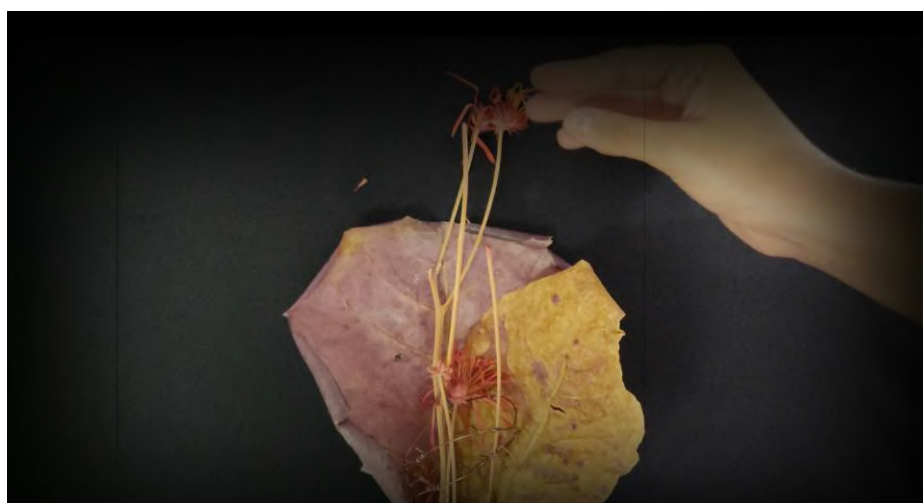


Figura 7 - Início do vídeo (ramo cheio de pétalas), 2021.

³ Assista o vídeo “O que nos despedaça”, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Vptdkrp6sl4&ab_channel=CarolMaciel, acesso em 22 de junho de 2022.

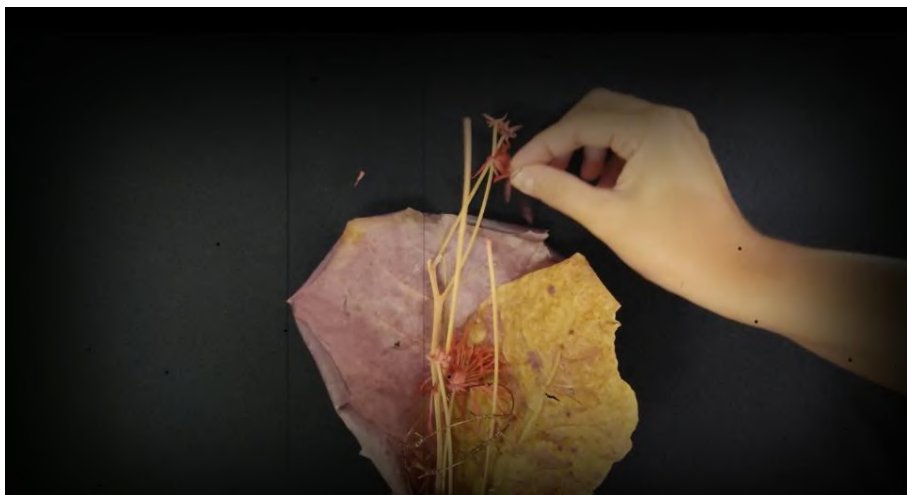


Figura 8 - Loops e movimentos repetidos (retirando as pétalas), 2021.

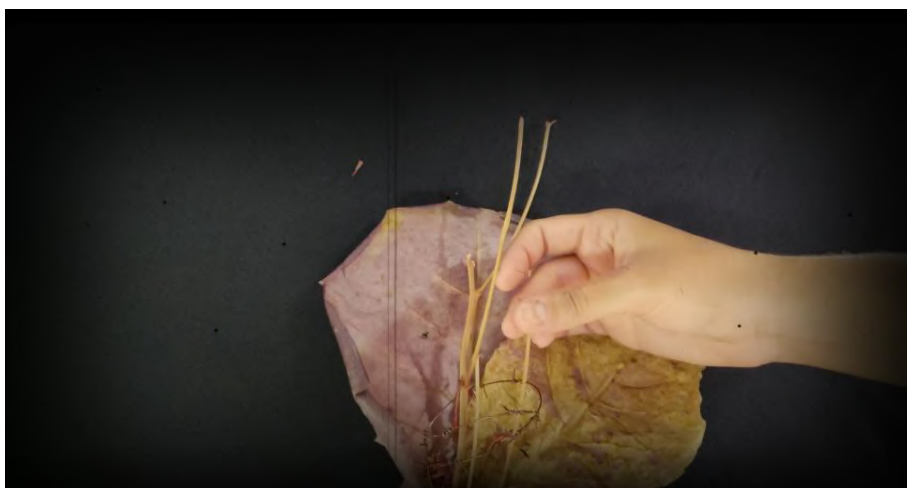


Figura 9 - Final do vídeo (ramo sem pétalas), 2021.

Ao contrário do filme *“Hand Catching Lead”* de Serra, o tempo do gesto proposto no vídeo *“O que nos despedaça”* é finito, já que se encerra assim que todas as pétalas acabam, porém o movimento das mãos e a temporalidade explorada torna-o ainda assim expressivo de forma anônima em fazer repetidamente os movimentos em câmera lenta, ao buscar incluir o espectador na ação que está sendo reproduzida. É importante constatar agora que muitas das ações presentes na lista de verbos de Richard Serra, parecem estar contidas no vídeo *“O que nos despedaça”*, mesmo que despreziosamente, afinal no momento de criação do vídeo eu ainda não tinha o conhecimento dessa lista. Um sentido se faz após a realização e o diálogo com as referências na filosofia e na arte. E isso é uma motivação para acreditar que há um caminho possível para a interação do vídeo com

o espectador, no que tange às ações específicas desenvolvidas nos movimentos das mãos.

4 - A árvore

O capítulo apresenta os princípios considerados acerca da temporalidade em trabalhos com árvores, tomando como referência as obras de Nelson Felix e Giuseppe Penone, além de uma pesquisa intitulada “Equilíbrio”, realizada por mim na disciplina de Representações 3D, ministrada pela professora Ana Cecília MacDowell. As referências citadas servem como exercício para a reflexão sobre questões ligadas à observação dos limites entre natureza e cultura, com ênfase na condição temporal que se sobressai e colabora na construção e no resultado das experiências artísticas.

4.1 - Suspensão - Giuseppe Penone

Giuseppe Penone, é um artista e escultor Italiano, conhecido por seus trabalhos em grande escala e também por ser considerado um dos principais nomes da arte povera. Processos presentes na natureza, como a passagem do tempo e as mudanças climáticas, são recorrentes em sua produção.

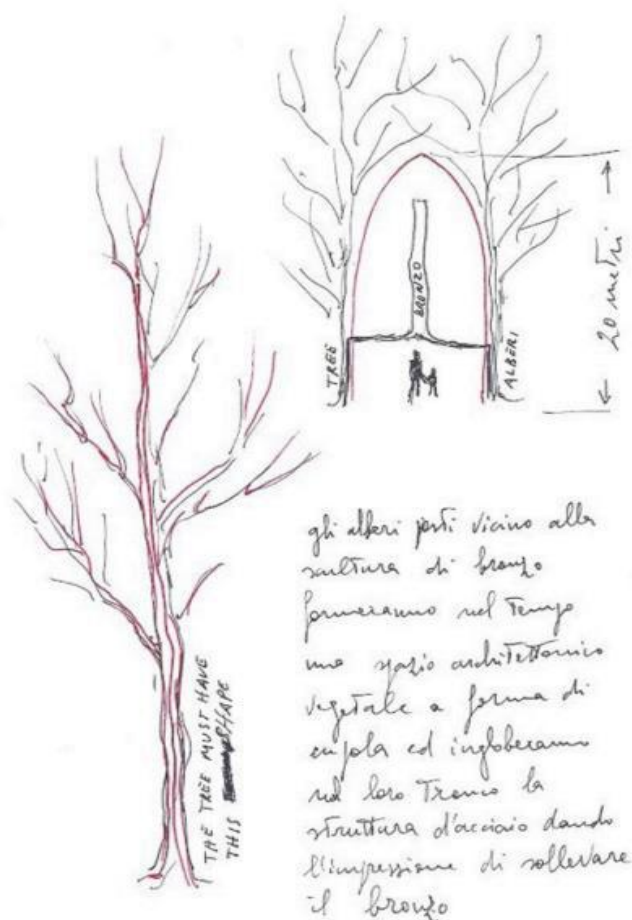


Figura 10 - Desenho esquemático para a montagem de "Elevazione".

Ao pesquisar algumas características da obra “*Elevazione*” (2000/2001), percebe-se a dinâmica criada no entrecruzamento dos conceitos que compreendem a escultura e a sua relação com a temporalidade. Em “*Elevazione*”, Penone reafirma seu interesse pela natureza, não só pela utilização de elementos vegetais, mas especialmente pela junção da passagem do tempo como material de trabalho. A partir de uma árvore real, uma castanheira centenária, foi feito um molde em gesso e depois um positivo foi produzido em bronze. A escultura foi colocada suspensa do solo, apoiando as raízes por suportes de aço, localizando a árvore escolhida, entre outras cinco árvores da espécie “*Guaritäts*”, replantadas pelo artista para participarem do trabalho de arte em local específico. Com o passar dos anos, essas mudas vão crescer e se aproximar da escultura, criando, o efeito de que a escultura representativa da árvore castanheira estará sustentada no ar pelas outras árvores ao redor.

Podemos considerar que a escultura colocada nessa situação, deixa de estar condicionada a um tempo estático, aquilo que dá a forma completa a um objeto, mas que dentro desse sistema artístico, em ações agenciadas, entre escultura, instalação e *site specific*, se coloca um processo de constante propagação, onde a natureza retorna como o agente da continuidade. Em “*Elevazione*” existe uma arquitetura vegetal pretendida pelo artista, mas que está, declaradamente, submetida aos instantes variantes que se ligam ao tempo natural, não cronológico. Este tempo natural que Penone escolhe para que sua escultura seja constituída, perturba a noção de obras que mesmo não sendo apresentadas como acabadas, insistem em nos indicar uma finalidade, um tempo que estará provavelmente para além da própria duração da vida do artista, já que a previsão é que “*Elevazione*” precisa de pelo menos 30 anos a mais para se completar.

“A árvore é uma forma de vida, é uma estrutura que se constrói com o tempo”

PENONE, Giuseppe ⁴

⁴ URANO, Pedro (direção) 2018, documentário Inhotim. Comentário de Penone retirado do filme.

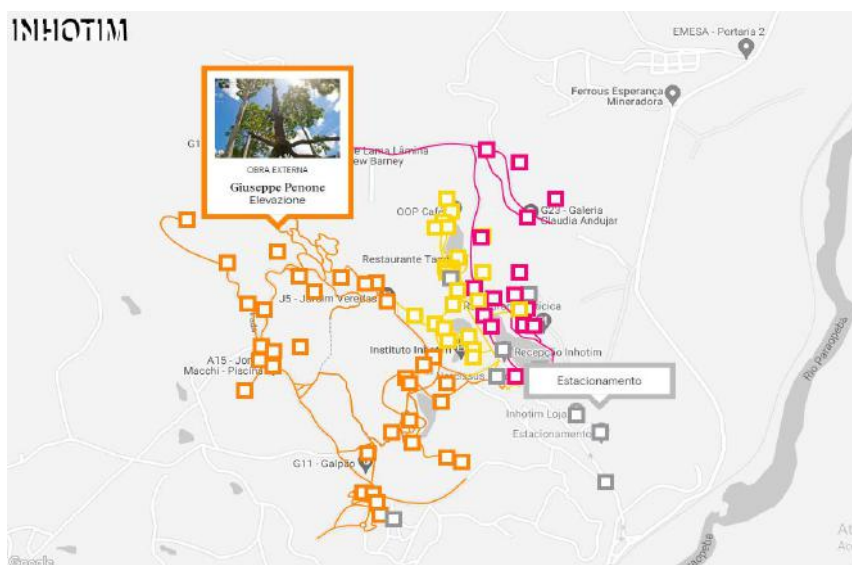


Figura 11 - Mapa de Inhotim, localização "Elevazione".

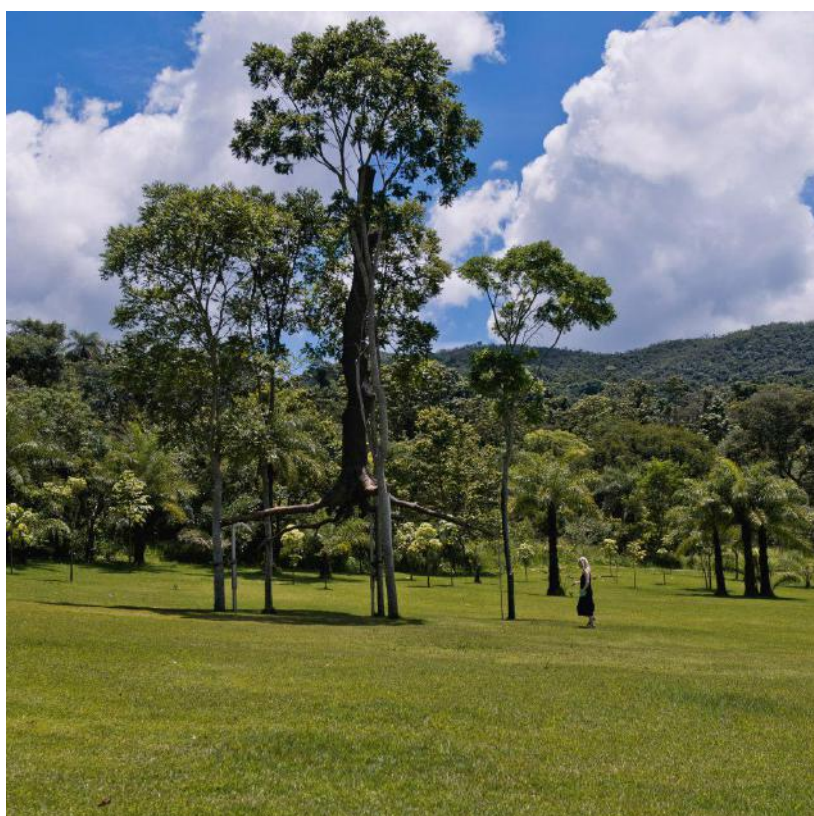


Figura 12 - "Elevazione", Giuseppe Penone, 2001.

4.2 - Intrusão - Nelson Felix

Diante do tema árvore, um dos artistas que pesquisei como referência foi o escultor e desenhista brasileiro Nelson Felix. Em seu trabalho “Grande Budha” criado nos anos 80, podemos refletir sobre a influência da temporalidade e outros modos de enraizamento da arte. O trabalho foi produzido a partir de uma árvore que foi escolhida no interior de uma floresta no Acre, em plena floresta Amazônica. Ao redor desta entidade orgânica em desenvolvimento, Nelson Felix instalou diversas garras metálicas pontudas, voltadas para o tronco de mogno. Presas no solo, as peças formam uma espécie de gargantilha de agulhas e conforme o seu desenvolvimento o tronco será perfurado por essas garras.

O mogno em geral vive cerca de 1300 anos, mas no caso dessa proposição artística a árvore entraria em estado de espera, dependendo da força resignada da temporalidade dos ciclos naturais. O trabalho do artista traz a sugestão de embate no encontro dessas duas matérias, orgânica e inorgânica, a natureza bruta de uma árvore e o ferro intrusivo. A árvore que está crescendo em direção à luz, em uma questão de tempo terá de enfrentar aquilo que lhe impõe resistência e sacrifício. Assim, os dois elementos que aparecem de partida isolados, têm pela via do tempo o acesso e embate de um corpo com o outro. Esta obra em processo, cria uma atmosfera de sincronismo entre o passado, presente e o futuro pela transformação e a incorporação promovida por esse encontro ou por esse outro modo de enraizamento invertido proposto pela experiência da arte.



Figura 13 - "Grande Budha", Nelson Felix, anos 80.

O que nos interessa nessa obra de Felix é propriamente a apresentação das dimensões temporais, pois temos um testemunho promovido por uma qualidade estética para percebermos a passagem do tempo na árvore, ali onde a natureza prosseguia seu curso contínuo, passa também a ter a proposição do artista colocando nossos olhos e corpos de maneira intrusiva, e até mesmo agressiva, como as garras no interior da floresta e invadindo o interior da árvore. De alguma maneira Felix nos coloca em estado ambíguo, entre um estado de presença cultural da interferência humana, impondo algo que poderia limitar e devorar, mas também uma atitude de conciliação com a presença selvagem da cultura perante as forças da natureza, que nos leva a imaginar a incorporação dessas hastes pelas árvores, como parte do mesmo ecossistema. A árvore seria atravessada pelo tempo quando as

garras que lhe são apontadas entram em nossas previsões, então a nossa imaginação nos dá o passado e o futuro desse acontecimento.

“Para o *Grande Budha* conheci, no Acre, os índios, e foi algo muito gozado, porque a relação deles com o tempo é outra, poderia ser uma semana depois, ou duas, ou três... e eu, logicamente, com aquela idéia de fazer o trabalho, já com os materiais chegando etc. Para eles, por exemplo, ir até outra cidade só exigiria seis dias de caminhada. Esse ritmo assustou, mas ao mesmo tempo criou uma identificação enorme, porque o meu jeito de resolver o trabalho, de resolver minhas coisas comigo mesmo é assim? São pensamentos enormes. Percebi que a relação com o tempo era muito importante nas minhas soluções, na minha vida. E disso, tinham que sair alguns trabalhos. E o vazio está presente em todos os trabalhos. Acho até que é o que mais me explica mentalmente.” (FERREIRA, Glória, 2005, texto “Remissões”)⁵

4.3 - Projeto Equilíbrio

O projeto “Equilíbrio” surgiu através de uma pesquisa realizada para a disciplina de Representações 3D ministrada pela professora Ana Cecília Mac Dowell. Dois objetos foram escolhidos para serem investigados como disparo provocador para pesquisa: um tubo de pasta de dentes e um saleiro de abacaxi. Vários experimentos foram realizados com esses itens ao longo do período, utilizando diversos materiais e trabalhando a observação e a relação de semelhanças e diferenças, como também de equilíbrio, entre ambos. Foram escolhidos objetos do cotidiano, mas com algumas características que apontavam para a relação do corpo, dependentes da manipulação para suas funções de relação com a boca, mas a condição de representação de uma fruta feita de material plástico, levou mais uma vez à crítica no modo como condicionamos a presença dos símbolos da natureza a algo transformado por um distanciamento com a experiência orgânica. Nessa relação os objetos são planejados para dar forma à matéria, mas sobretudo de fazê-lo aparecer de um modo informado como expressão cultural. Após longa observação a qualidade dos objetos e suas formas não mais significaram algo para informar a experiência, mas a relações de equilíbrio entre a densidade material de cada objeto e as condições possíveis de associação dessas formas se impuseram, para de

⁵ FERREIRA, Glória, 2005, texto “Remissões”. Trilogias – Conversas entre Nelson Felix e Glória Ferreira – editora PinaKotheke.

alguma maneira plantar uma estrutura comum, isso passou a ser a estratégia de ação experimental, que foi fotografada.



Figura 14 - Estudos lápis e saleiro, 2021.

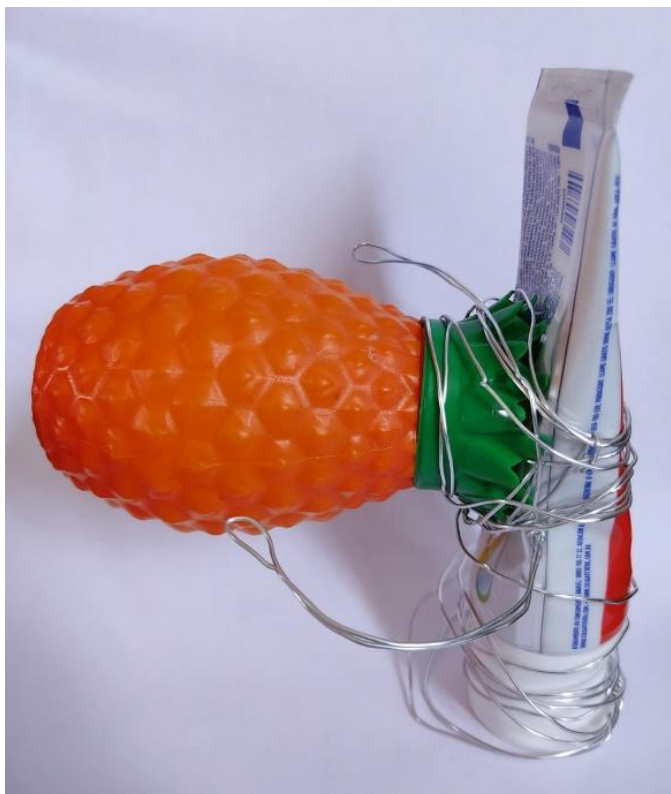


Figura 15 - Estudos pasta de dentes e saleiro, 2021.



Figura 16 - Estudo pasta de dentes, 2021.

A partir dessas experiências, foi desenvolvida uma proposta de trabalho final para disciplina, tomando a importância da apresentação do próprio projeto como arte. O projeto intitulado “Equilíbrio” teve a temática da árvore escolhida como centro da ação. Por estar a árvore condicionada a ter um período de vida longo e também por precisar estar com todos os fatores em estabilidade, como: ar, luz, solo fértil, espaço para crescimento e calor para ter uma vida longa e saudável. Como referência artística para este projeto, usei “Elevazione” de Giuseppe Penone comentado no capítulo anterior. Em Elevazione, Penone reafirma seu interesse pela natureza, não só na utilização de elementos orgânicos e perecíveis, mas especialmente pela incorporação da passagem do tempo em sua instalação. O trabalho de Felix e Penone, se complementam como referencial para a idealização desse projeto, a suspensão e a intrusão, vistas nos trabalhos dos artistas citados aparecem como motivação aqui, enquanto a pesquisa aponta para a ação de trazer a raiz para a visibilidade exterior, mesmo que simbolicamente.

O projeto intitulado “Equilíbrio” prevê oito estruturas em ferro a serem montadas ao redor de uma árvore com tronco medindo aproximadamente 30 cm de diâmetro. As estruturas devem ter um espaçamento de 10 cm do corpo da árvore, pois o intuito deste projeto é tirar a “invisibilidade parcial”, dando espaço para o vegetal se desenvolver, ao contrário do projeto do Nelson Felix que tem como um dos propósitos a perfuração intrusiva. Todas as oito estruturas em ferro devem ser ocas, o que torna o custo do trabalho menor, pois o material fica mais leve, facilitando também o transporte e a montagem. O projeto produzido tem como objetivo ser exposto na natureza sem ter uma espécie de árvore como preferência, tendo como principal requisito as medidas de seu tronco. O pensamento de criar raízes externas sugere uma reflexão particular sobre os aspectos da vida que precisam estar em harmonia, voltado para um desejo de vida equilibrada, ou ainda, por aspectos de equilíbrio entre natureza e cultura.

O projeto “Equilíbrio” ainda não foi realizado em sua totalidade, por isso se mantém na qualidade de projeto, apresento aqui por considerar a importância de se organizar um processo de pesquisa em várias etapas, tendo a passagem de uma ideia para desenhos projetivos, que de certa maneira já aparecem como realização dessa ideia inicial. O projeto “Equilíbrio” busca complementar o sentido conceitual

que vem sendo investigado de uma proposição de enraizamento próprio da arte, como algo que buscamos alcançar.

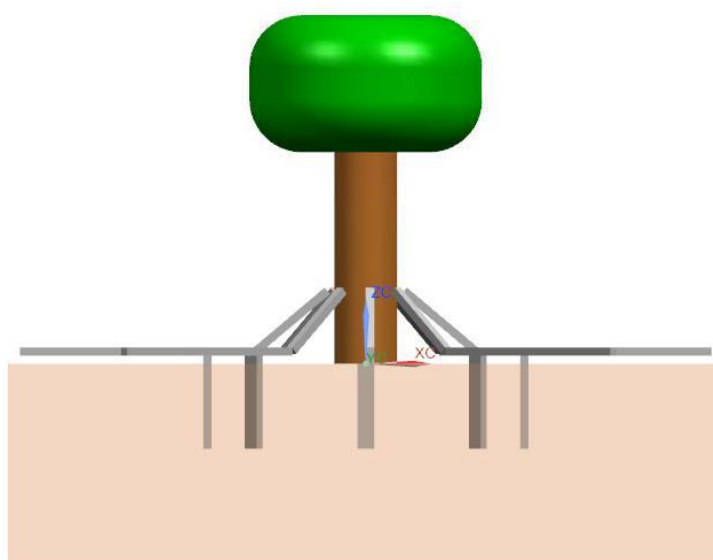


Figura 17 - Projeto "Equilíbrio", vista frontal, 2021.

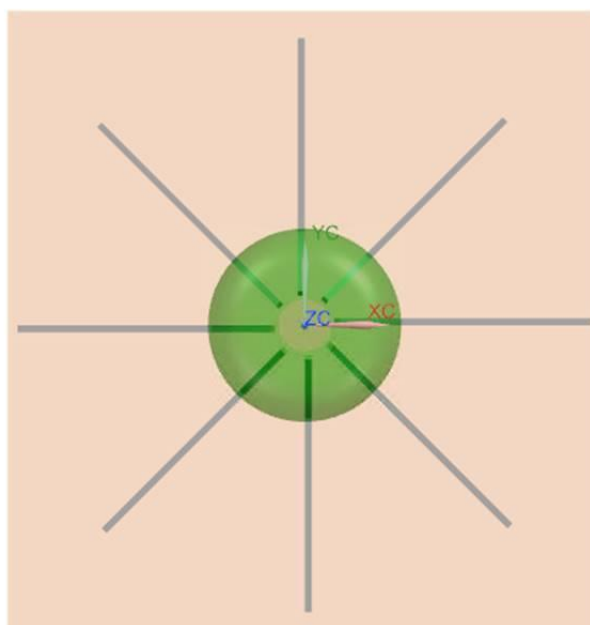


Figura 18 - Projeto "Equilíbrio", vista superior, 2021.

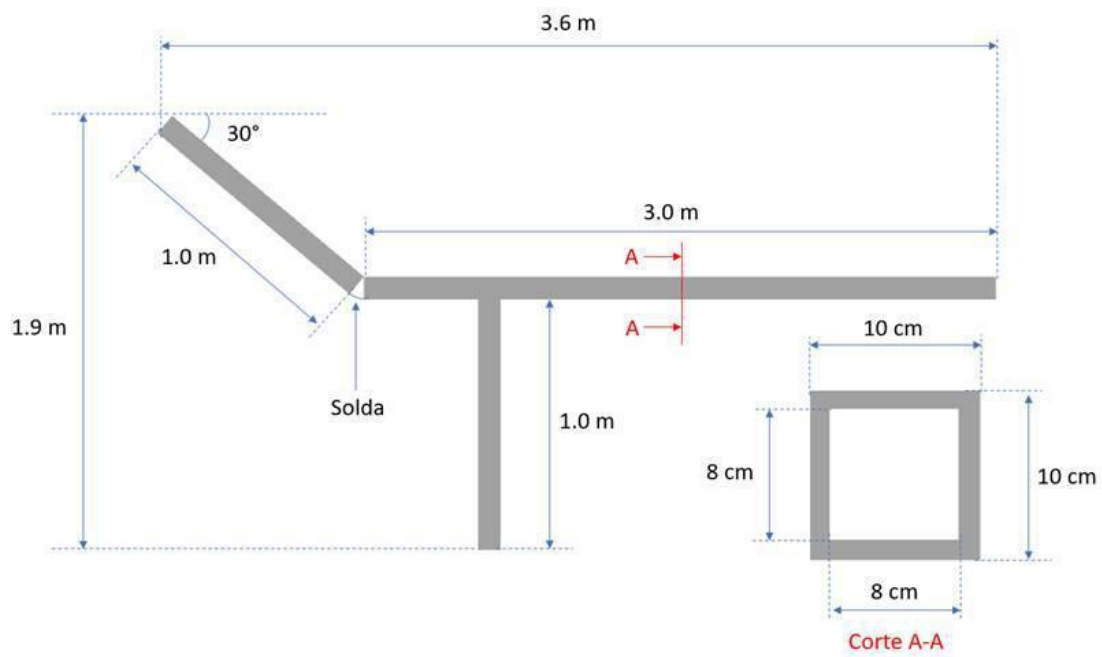


Figura 19 - Medida das estruturas das raízes externas

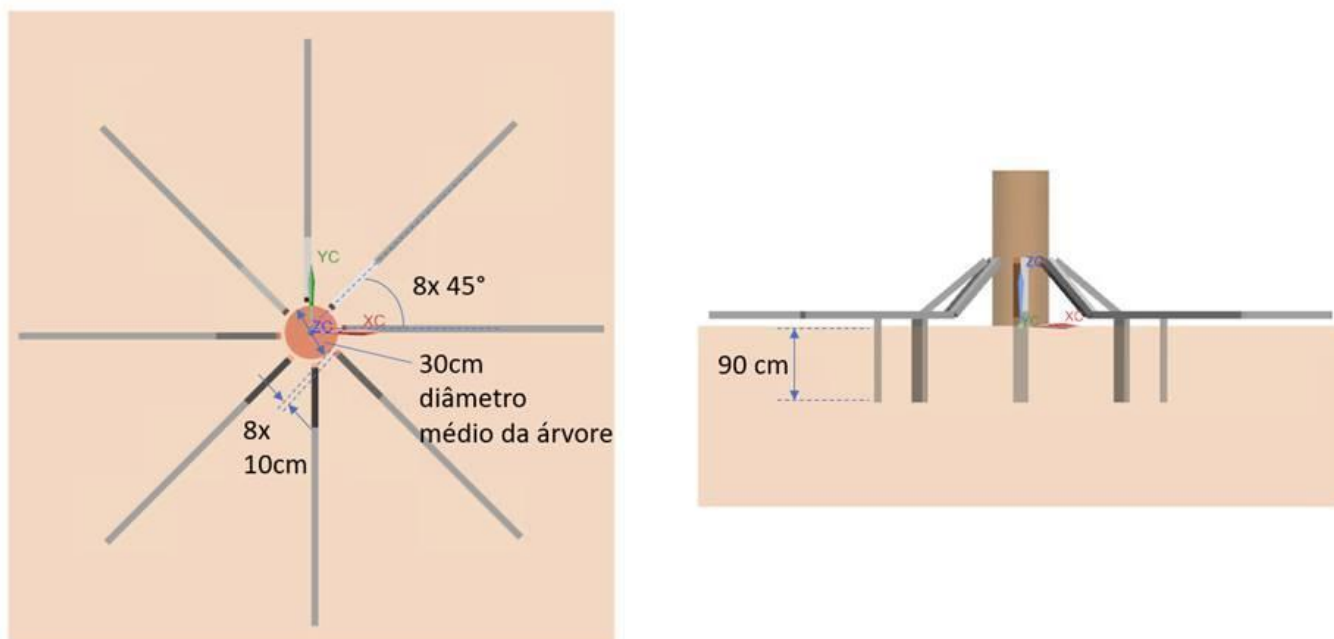


Figura 20 - Posição das estruturas das raízes externas.

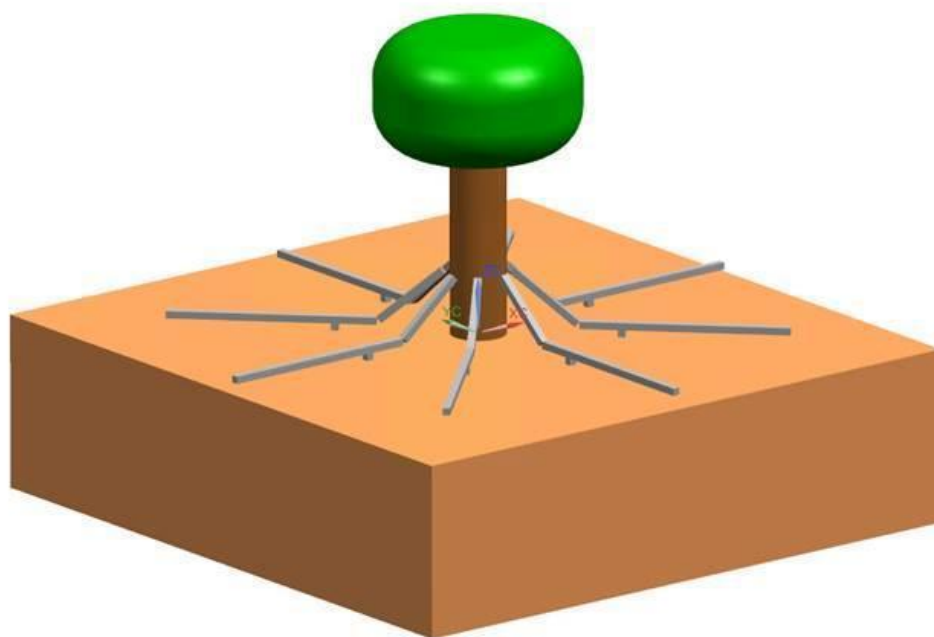


Figura 21 - Projeto "Equilíbrio", 2021.

Considerações finais

Quando reflito sobre o propósito destes trabalhos, percebo que a ideia de tempo, movimento e processo sugere o momento resultante das três pesquisas aqui apresentadas. Os elementos da natureza que são escolhidos nas minhas pesquisas apresentam seus limites e constroem um possível desfecho, me tirando do papel central do processo de criação e colocando o tempo como ação e material de trabalho.

Na escultura em argila crua “Fragmentos do tempo”, as marcas da deterioração sugerem que o tempo se fez presente rompendo a matéria e levando consigo alguns pedaços do objeto, mesmo que de forma desprezível. Observar o barro se deteriorando me mostrou um ciclo de desenvolvimento daquela peça que aparentemente é estática, mas que na verdade está em movimento, um movimento gerado pelo tempo. No vídeo “O que nos despedaça” a mão elabora um tempo próprio, com as folhas que são repetidamente e lentamente despedaçadas. Na instalação “Equilíbrio” o tempo da natureza é o que determina a duração do trabalho. A árvore escolhida estaria condicionada à sua duração, em seus processos de transformação orgânica, a proposta apresentada pretende trazer as raízes de ferro para o espaço externo, dependendo da árvore para determinar a duração da

escultura, já que o trabalho não estará completo sem a presença desta entidade arbórea. Esta pesquisa nos propõe uma reflexão sobre os movimentos e suas transitoriedades, do ciclo incontornável em direção à morte, seja a nossa ou a dos objetos criados, e um retorno que não se consegue explicar.

Os pensamentos de Vilém Flusser e Gaston Bachelard nos levam a pensar no diálogo entre natureza e cultura, por uma crítica de como os processos culturais acabam por insistir em determinar e delimitar os processos orgânicos sempre em fluxo de transformação, fica a pergunta de como através da arte podemos buscar, dentro do movimento cultural, outros modos de existência que reconheçam os sentidos da natureza sem distanciamentos e finitudes.

Duas pesquisas aqui apresentadas neste trabalho de conclusão de curso fizeram parte da minha exposição “Sentidos do Gesto”, na galeria Mezanino que fica localizada no ateliê de escultura da Escola de Belas Artes, disciplina ministrada pela professora Paula Scamparini. Em conjunto com os trabalhos “Fragmentos do gesto” e “O que nos despedaça” foi mostrado também outro estudo pictórico, intitulado “raízes”, que também propõe essa reflexão sobre o enraizamento e movimento. A pintura feita em lona de algodão, foi composta por uma estrutura de arames em seu verso, que pretende remeter à simbologia de uma raiz suspensa que se espalha em toda a sua extensão. Essas "raízes" foram feitas com a intenção de tirar a pintura do seu estado tradicionalmente bidimensional, buscando explorar a espacialidade tridimensional da pintura, e ainda trazer a pintura em sua materialidade líquida e em estado de ressecamento.



Figura 22 - Pintura "Raízes". Lona de algodão, acrílica, areia, estêncil e arame. 2.50x70cm, 2022.

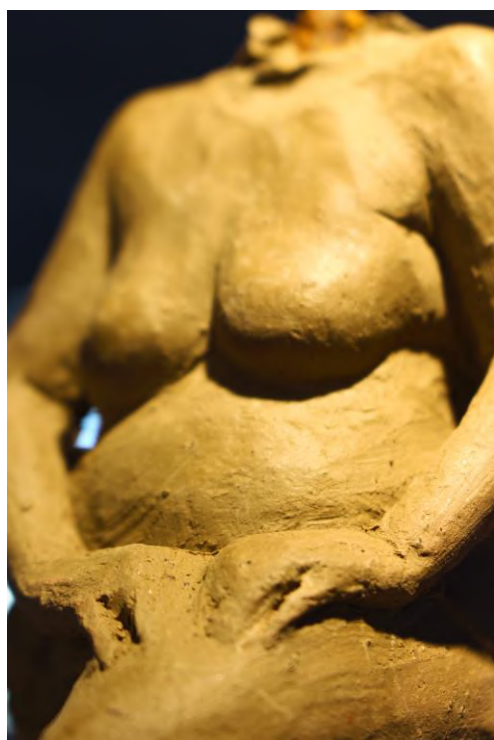


Figura 23 - "Fragmentos do tempo", 2022.

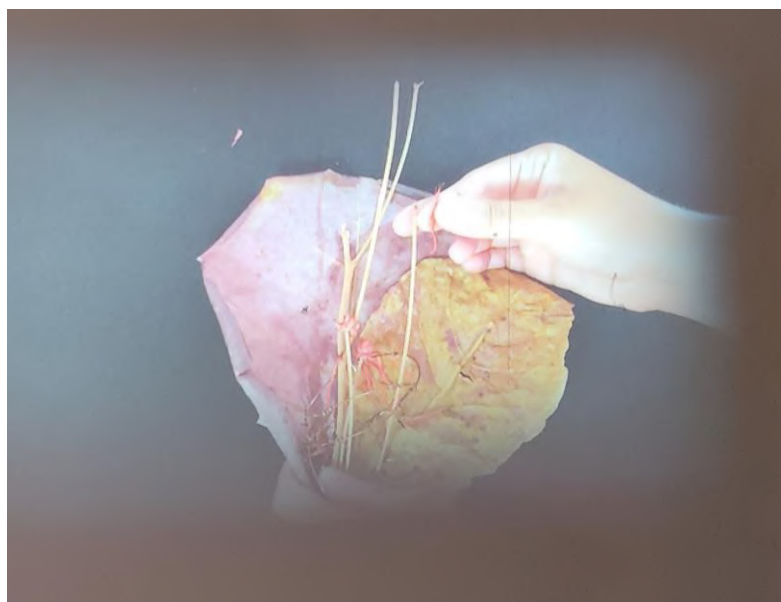


Figura 24 - Vídeo "O que nos despedaça".

A exposição que aconteceu no dia 04 de julho de 2022, com a duração de dois dias, contou com uma equipe de alunos dos cursos de Artes visuais com ênfase em escultura e História da arte, que auxiliaram na criação dos textos curatoriais e montagem.



Figura 25 - Exposição "Sentidos do gesto", Galeria Mezanino - UFRJ, 2022.



Figura 26 - Equipe de alunos e professoras Paula e Dinah.

Para mim, foi extremamente importante essa experiência de expor as pesquisas pensadas ao longo do meu período acadêmico, observando na prática da montagem e da apresentação a forma que esses trabalhos se comportam no espaço e interagem entre si e com as pessoas que visitam a exposição. Essa pesquisa e exposição possibilitaram a construção de uma narrativa poética que abre muitas possibilidades para desenvolvimentos futuros.

Referências Bibliográficas

BACHELARD, Gaston – A terra e os devaneios do repouso. São Paulo. Ed. Livra-ria Martins Fontes Editora Ltda, 1990.

KRAUSS, Rosalind - A escultura no campo ampliado. Rio de Janeiro: PUC RJ, 1984.

KRAUSS, Rosalind, Passages In Modern Sculpture. MIT Press, 1998

FOSTER, Hal. Richard Serra. Massachsettes: The MIT Press. 2001

FLUSSER, Vilém - Natural:mente: vários acessos ao significado de natureza. São Paulo: Ed. Annablume, 2011.

Referências em meios digitais

CHATRUC, Celina. Adrián Villar Rojas: o artista argentino que conquista o mundo. La Nacion. 2019.

Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/cultura/adrian-villar-rojas-artista-argentino-conquista-mundo-nid2301810/>. Acesso dia 10 de maio de 2022.

URANO, Pedro (direção) INHOTIM, Canal Curta, 2018. Netflix.

FERREIRA, Glória, 2005, texto “Remissões”.

Disponível em: <http://nelsonfelix.com.br>

Hand Catching Lead” Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=_NBSuQLVpK4&ab_channel=TIMESTEREO, acesso em: 20 de junho de 2022.